

*O teu nome incendiado de azul*<sup>1</sup>

João de Mancelos

Alguns poemas do livro

À memória de meu pai,  
João Braamcamp de Mancelos da Silva  
(1926-2016)

**por ti, reparti a noite, o medo e o amor**

por ti, reparti a noite, o medo e o amor,  
nudez a nudez,  
numa equação tão ínfima quanto perfeita.

recolhi todos os papagaios de papel,  
destroçados pelo vento norte,  
até nada mais ferir a praia.

roubei o fogo e voei até ao sol,  
querendo beijar a chama límpida,  
que só cresce no fim da tarde.

estendi numa corda as palavras,  
em versos incendiados,  
para que não tivesses de inventar o silêncio.

e menti-te sobre a morte e o inverno,  
esperando que o dia de amanhã  
cobrisse, brando, todo o horizonte.

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. *O teu nome incendiado de azul*. Lisboa: Colibri, 2016.

## **êxtase**

o corpo aguarda, inquieto e tenso,  
como um arco retesado,  
o momento da chuva ardente.

enquanto os dedos ressuscitam  
lugares desejados no escuro  
ou relâmpagos primordiais.

enquanto no ventre se abre  
a chaga onde o mundo inteiro  
principia e dança e se multiplica.

e pulsam espasmódicas estrelas  
e a boca embebeda-se e morre  
sobre outra boca.

o momento que brilha tão cegamente  
e onde o teu nome voa  
incendiado com o meu.

## **para que serve o outono, diz-me**

para que serve o outono, diz-me,  
se esta noite nenhum tigre brilha,  
estendido sobre o teu corpo?

se o céu não é suficientemente  
escuro para que o fogo  
possa crescer, límpido, entre as mãos?

se, do peito, nenhuma cotovia se eleva,  
cantando, dolorosamente,  
num país tão longe da alma?

### **o mapa do coração**

às vezes, uma chaga de lume,  
outras, uma mulher na sombra desesperada,  
o coração.

sobrevive ao tempo de uma carícia,  
ou à travessia de uma noite de amor comprado,  
o coração.

casa calcinada onde a paixão erra,  
pedra vermelha na água brilhante,  
o coração.

pássaro no peito repentino,  
pulsante inocência da loucura,  
o coração.

quem sabe o caminho, o mapa, a rota  
para a noite incendiada  
do coração?

### **a morte era uma desconhecida**

estava só, sentada num café vazio,  
escrevendo nomes e nomes,  
num livro cor de cera.

era jovem, mas tinha gestos antigos  
como a luz, e a sua boca  
na boca dos vivos sabia a pó.

a morte era uma desconhecida  
que fumava, cigarro a cigarro,  
o último dia do outono.

### **fim de tarde, no jardim de um poeta bárbaro**

na nossa loucura, acariciávamos as árvores  
como se fossem jovens deusas,  
e líamos whitman, sobre a relva.

desabrochávamos, assim, com a terra,  
e o cheiro exausto do fim da tarde,  
enxotando a melancolia de saber:

o que possuímos já se perdeu  
na fissura escura do tempo  
ou entre dois versos, sem destino.

não nos fales de eternidade:  
a morte é todo o amor  
que o mundo nos pode desejar.

### **o único nome de deus**

crianças ou sábios, mártires ou guerreiros,  
— todos principiámos  
no azul incendiado do teu nome.

por isso, é humildemente  
que murmuro por ti,  
e tremendo que escrevo teu nome sobre a água.

### **epitáfio para um poeta**

semeaste estrelas e ceifaste a noite,  
enganaste a morte e beijaste a eternidade,  
uma sílaba azul de cada vez.

## **Sinopse**

*O teu nome incendiado de azul* é o sexto livro de poemas de João de Mancelos. A obra é constituída por sessenta composições, agrupadas em três partes, cada uma focando uma realidade da existência humana: o amor erótico, a criação poética, a morte e o vínculo à eternidade.